

Hay gobierno? Uma análise do noticiário de América Latina em dois jornais ideologicamente opostos¹

Daniel Barbosa Cassol²

RESUMO: O presente trabalho pretende analisar a cobertura sobre América Latina de dois jornais ideologicamente opostos: o jornal *Brasil de Fato*, que propõe uma visão popular do Brasil e do mundo, e o jornal *Estado de S. Paulo*, tradicional diário conversador do país. A partir de categorias trabalhadas por autores como Guillermo Sunkel (1985) e Amparo Moreno Sardá (1998), procuramos identificar que atores, cenários e conflitos são interpelados pelos discursos dos dois jornais, buscando compreender de que forma a imprensa popular alternativa no Brasil vem dialogando com a realidade latino-americana.

Palavras-chave: jornalismo, imprensa popular alternativa, América Latina

1. Introdução

A imprensa popular alternativa, historicamente, se constituiu como tribuna por excelência das reivindicações políticas e econômicas das minorias empobrecidas. Na América Latina, como não poderia deixar de ser, este tipo de jornal que se caracteriza fundamentalmente pela defesa dos interesses das classes trabalhadoras (LINS DA SILVA, 1981) desempenhou um papel importante na denúncia contra as más condições de vida e no incentivo às mobilizações populares.

A centralidade da comunicação alternativa e popular está vinculada a contextos sociais, políticos e históricos determinados. São estes contextos que vão dar significado às práticas de comunicação, na medida em que “a comunicação popular e alternativa aparece, desenvolve e reflui na mesma medida da capacidade de os movimentos sociais articularem o seu projeto alternativo de sociedade” (FESTA, 1986, p. 30). Ou seja, a importância e a centralidade influência dos veículos estão ligadas diretamente à capacidade de mobilização das organizações sociais e de intervenção na arena política.

Nos últimos anos, a América Latina vem assistindo à eleição de presidentes do campo progressista, com origens em diferentes forças sociais, que chegaram à presidência de seus países com forte discurso de oposição às políticas dos governos anteriores. Este grupo de países é formado principalmente por Venezuela, Bolívia e Equador, ao qual se somam, de certa maneira, Paraguai e Argentina, além de países da América Central que recentemente elegeram representantes de antigas guerrilhas como a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional em El Salvador. Todos, é claro, sob a “batuta” de Cuba, símbolo maior da “ameaça

¹ Artigo apresentado à organização do Mutirão de Comunicação América Latina e Caribe (Muticom). Eixo temático: “Novos cenários políticos e sociais latino-americanos e os processos de comunicação”.

² Jornalista, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos).

comunista” no continente. Este grupo de países teria como antítese os governos de Colômbia e México, os maiores aliados dos Estados Unidos da América na região.

Neste contexto, como se comporta um jornal da imprensa popular alternativa? O presente trabalho procura analisar um jornal popular alternativo – o semanário *Brasil de Fato* – em comparação com um diário que se situa ideologicamente em um pólo oposto – o jornal *Estado de S. Paulo*. Nossa intenção, ao procurar elaborar uma crítica dos discursos produzidos pelo jornalismo popular alternativo a respeito de nosso continente, é verificar de que modo jornais de linhas editoriais tão distintas se assemelham ou se distanciam em relação à cobertura da América Latina.

Para tanto, partimos de uma revisão bibliográfica que nos permite uma melhor compreensão do caráter da imprensa popular alternativa em relação aos discursos que produz sobre a realidade social. Trata-se de um tipo de imprensa que bebe de uma tradição de se pensar e fazer jornalismo, tradição esta que muitas vezes é lida de forma mecânica e reducionista: os jornais populares alternativos, ou simplesmente os jornais de esquerda, devem ater-se exclusivamente às denúncias políticas e econômicas capazes de desnudar a divisão da sociedade em classes e levar às massas ignorantes à contestação e à revolta.

Desse modo de fazer jornalismo é que, possivelmente, resulte na cobertura feita por jornais como o *Brasil de Fato* sobre a América Latina, centradas na institucionalidade dos países e elegendo os presidentes como os atores principais da arena política. A diversidade do continente é olvidada em nome da primazia aos atores eminentemente políticos, de modo que a cobertura de um jornal popular alternativa não se distancie da cobertura de um jornal conservador como o *Estado de S. Paulo*.

2. Agitação e propaganda na tradição da esquerda em fazer jornalismo

Em nosso projeto de dissertação atualmente em curso, no qual buscamos problematizar o lugar da imprensa popular alternativa na contemporaneidade, temos considerado importante compreender uma certa tradição de se pensar e fazer jornalismo a partir da esquerda e dos movimentos sociais. Tem sido possível perceber que boa parte dos veículos populares e alternativos – como é o caso do *Brasil de Fato* – é tributária desta tradição, que pensa o jornal como uma tribuna da organização partidária para a revelação das denúncias políticas às massas.

Dentro desta tradição é que o veículo jornal adquire centralidade no seio das organizações políticas da esquerda. De modo geral, parte-se da idéia de que as massas oprimidas, que devem ser agentes das transformações sociais, vivem sob o jugo da ignorância. A organização, o movimento, o partido, necessitam de um instrumento para

ampliar sua voz em direção às massas, esclarecendo-as, denunciando a opressão, de modo a levá-las à ação revolucionária.

Para los teóricos marxistas de los medios de difusión, la prensa debe desempeñar funciones de *propagandista, organizadora, educadora y crítica de masas*, dentro de los marcos de una orientación política (...) del partido de la clase obrera, que se presume, expresa de manera más exacta que algunos individuos aislados (sean periodistas o políticos) los intereses de las grandes mayorías nacionales. (TAUFIC, 1977, p. 85)

As formulações mais significativas sobre o jornal da organização política, na tradição da esquerda marxista, vêm de reflexões teóricas do líder revolucionário russo Vladimir Lênin. Preocupado com a tendência meramente “economicista” das revoltas populares no período ainda anterior à Revolução Soviética de 1917, Lênin ressentia-se da ausência de uma organização revolucionária capaz de dar a direção política à “massa dispersa dos descontentes, que protestam e estão prontos para a luta” (LÊNIN, 1901, p. 3). Neste sentido, propunha que o ponto de partida para criar esta organização fosse a fundação de um jornal que desempenhasse as funções de agitação e propaganda, aglutinando as forças sociais até então fragmentadas. O jornal seria a ferramenta para “elevar o nível de consciência” dos trabalhadores.

Sem um órgão de imprensa política é absolutamente impossível cumprir nosso dever de concentrar todos os elementos de descontentamento de protesto político, de fecundar com estes o movimento revolucionário do proletariado. Demos o primeiro passo, despertamos na classe operária a paixão pelas denúncias “econômicas”, de fábrica. Devemos completar o passo seguinte: despertar em todos os estratos do povo mais ou menos consciente a paixão pela denúncia política. (LÊNIN, 1901, p. 5)

Lênin sustentava que a classe operária compunha o auditório ideal para o qual falariam os homens capazes de fazer as denúncias. Era ela a única a mostrar um interesse pelo conhecimento político, apenas esperando que o jornal do partido viesse trazer esse conhecimento.

O jornal funcionaria como fio condutor da organização política e também como uma ferramenta pela qual os líderes, capazes, ampliariam sua voz para esclarecer e elevar o nível de consciência das massas. Para isso, Lênin destaca a importância dos fatos e acontecimentos “concretos e de grande atualidade”, capazes de revelar por si próprios o funcionamento do sistema de classes sociais, mais do que qualquer discurso político. “Apanhar alguém em flagrante delito e acusá-lo perante todos e em toda parte é mais eficaz do que qualquer apelo, e constitui uma forma de agitação” (LÊNIN, 1902, p. 56).

Em direção semelhante, Leon Trotsky escreverá, em 1923, que a alma de um jornal está na informação atual, abundante e interessante, que só pode ser um “instrumento de educação” eficaz se esta for também correta e judiciosamente exposta. Neste texto, Trotsky também afirma que a publicação da informação clara tem mais poder do que gastar rios de tinta para explicar que a “a burguesia é a burguesia e que o proletariado é o proletariado”. O fato em si seria revelador das lições necessárias.

Caros colegas jornalistas, o leitor suplica-vos que evitem dar-lhes lições, fazer-lhes sermões, dirigir-lhe apóstrofes ou ser agressivos, mas antes que lhe descrevam e expliquem clara e inteligivelmente o que se passou, aonde e como se passou. As lições e as exortações ressaltarão por si mesmas. (TROTSKY, 1923, p. 3)

As passagens acima são interessantes para compreender que esta tradição marxista de pensar o jornalismo se funda na necessidade do jornal fazer as revelações políticas e econômicas que permitiriam à população compreender a divisão da sociedade em classes e levá-las à ação. Neste sentido, mais do que os “sermões”, o importante são as informações factuais que permitam essa revelação.

Sem embargo, para além destas questões, outro debate desta tradição diz respeito à necessidade de atrair o maior número de leitores, sem os quais seria inviável um jornal de massas. Um jornal não tem o direito de não se interessar pelo que interessa às massas, afirma Trotsky, propondo que a tarefa do jornal dos revolucionários é dar a sua interpretação dos fatos, de modo a educar e elevar o nível intelectual de seus leitores. A publicação de notícias sobre crimes, dramas familiares, etc., poderia ser útil para a crítica da sociedade burguesa, caso fossem esclarecidas de forma adequada para o bom esclarecimento das massas.

A imprensa burguesa de sensação tira enorme partido dos crimes e dos envenenamentos, jogando com a curiosidade doentia e com os mais vis dos instintos do homem. Mas de modo nenhum se segue que tenhamos muito simplesmente de nos afastar da curiosidade e dos instintos do homem em geral. Isso seria da mais pura hipocrisia. Somos o partido das massas. Somos um Estado revolucionário e não uma confraria espiritual ou um convento. Os nossos jornais devem satisfazer não só a curiosidade mais nobre mas também a curiosidade natural; precisa-se apenas que elevem e melhorem o nível dessa curiosidade, apresentando e esclarecendo os fatos de forma adequada (TROTSKY, 1923, p. 4).

Trotsky está afirmando que o jornal do partido revolucionário deve se interessar por assuntos do cotidiano, desde que sirvam para “esclarecer os fatos de forma adequada”. Ou seja, o jornal de esquerda não deveria se interessar apenas por assuntos eminentemente políticos, pelo contrário, deve disputar hegemonia em todos os campos da vida em sociedade, desde que os assuntos possam ser politizáveis.

En la práctica, sin embargo, no siempre se produce la necesaria conexión entre lo que dice y a lo que llama el periódico socialista y la actitud de su auditorio, porque se descuida la FORMA en que deben contemplarse *todos* los asuntos de actualidad, cuando no se olvida parte de *todos* los intereses de sus lectores, que van mucho más allá e las cuestiones directamente políticas, económicas o ideológicas” (TAUFIC, 1977, p. 101, *grifos do autor*)

3. A primazia dos espaços politizados e politizáveis

Uma crítica importante a esta tradição – ou às leituras reducionistas dela – é realizada pelo trabalho de Guillermo Sunkel (1985), que analisou os principais *diários populares de massa* que circulavam no Chile no período anterior ao golpe militar de 1973. Na obra “Razon y Pasion en la Prensa Popular”, o autor faz uma crítica da cultura política da esquerda marxista. Seu ponto de partida são as representações do popular empreendidas pelos jornais da esquerda chilena. Sunkel conclui que os jornais analisados trabalhavam com uma visão reducionista e estática do povo, associando-o sempre à idéia de revolução e conflito de classes, em detrimento aos aspectos cotidianos da vida dos trabalhadores fora do espaço da fábrica.

A diversidade dos atores populares e a heterogeneidade das suas formas de vida eram reduzidas, pelos discursos do jornal, à categoria dos operários, estes reconhecidos como *os* agentes fundamentais da transformação social, que só apareciam naqueles espaços considerados como politizáveis. Além disso, a não incorporação, pelo marxismo, de elementos básicos da cultura popular, fez com que sua capacidade hegemônica não fosse expansiva.

Esta reducción del mundo popular a aquello que el discurso marxista constituía como “lo político”, implicaba, entonces, un alejamiento del modo de representación que los sectores populares tenían de sí mismos. Alejamiento que implicaba “el olvido” del contenido cultural de las demandas de los sectores populares, “dejar de lado” los aspectos de la vida cotidiana y a esto agregamos, “poner al margen” la realidad subjetiva de los sujetos y “sustituir” el lenguaje popular por el lenguaje sobre lo popular. (SUNKEL, 1985, p. 34-35)

Semelhante crítica é feita por Armand Mattelart (1981), tendo como pano de fundo também o processo chileno. O autor relembra o episódio de uma manifestação de mulheres da burguesia do Chile, contra o presidente Salvador Allende, e como a imprensa de esquerda tratou o acontecimento como uma marcha de “múmias”, ignorando que a direita estava interpelando setores sociais os quais a esquerda esquecia.

Y, además, es un proceso en la cual la burguesía captó los vacíos dejados por las fuerzas de cambio en inmensos campos de la problemática social: el

problema de las mujeres, el problema de la universidad, el problema de la cultura, el problema de la vida cotidiana. (MATTELART, 1981, p. 83)

Sunkel pontua a existência de uma divergência entre um modo de representação do popular de caráter mais político e um tipo de representação que apela para elementos da subjetividade popular. A hipótese do autor é de que os *diários populares de massas* têm duas linhas de desenvolvimento: uma matriz racional-iluminista, marcada por uma ideologia política de corte iluminista, cuja linguagem característica é a da generalização e que se introduz na cultura popular como um elemento externo, procurando transformar a matriz pré-existente, que é a matriz simbólico-dramática, na qual predomina a concepção religiosa do mundo, os termos dicotômicos como “bem e mal”, “paraíso e inferno” e os elementos do chamado “sensacionalismo”. Os diários de esquerda, diz Sunkel, constituídos no interior da matriz racional-iluminista, tendem a produzir um discurso reducionista sobre o popular, dada a sua incapacidade de incorporar nos seus discursos aspectos da realidade de grande significação popular. Quando se utiliza desses aspectos relacionados à matriz simbólico-dramática, ou seja, quando fala sobre o que interessa às massas, nas palavras de Trotsky, os diários praticam o que Sunkel chama de “sensacionalismo marxista”: um discurso doutrinário que se utiliza dos elementos de apelo popular em função da doutrina política.

Neste sentido, apareciam nos diários duas figuras discursivas específicas: o *popular autêntico* e o *popular passivo*, um em oposição ao outro. Enquanto popular passivo era apresentado como uma soma de valores pequeno burgueses introjetados na cultura popular, o popular autêntico aparecia como uma atitude de enfrentamento ao sistema.

Ao buscar identificar o tipo de identidade – não apenas políticas, mas sobretudo identidades sociais – que os *diários populares de massas* constroem para o popular no nível do discurso, ele propõe uma análise dos *modos de representação do popular* a partir do material informativo dos jornais que se relaciona com o povo. Para tanto, utiliza-se de três categorias na análise dos textos: a) os *atores* interpelados, ou seja, o tipo de ator popular que encarna o conceito de povo; b) os *conflitos* através dos quais estes atores são interpelados, seja na relação capital/trabalho ou com outros tipos de conflito; e c) os *espaços* em que esses conflitos são apresentados, isto é, os contextos em que aparecem os atores.

Dessa forma, Sunkel pretende identificar quais são os atores populares privilegiados nos discursos dos jornais, isto é, que tipo de ator popular encarna o conceito de povo que organiza o discurso de cada um dos diários. Em seguida, enfoca os contextos de significação, ou seja, os espaços representados nos discursos e os contextos nos quais aparecem o ator

popular. Por fim, tenta analisar o modo de definição dos atores populares nos diários: os conflitos nos quais aparecem envolvidos os atores populares.

Em direção semelhante, Sardá (1998) propõe a identificação dos **cenários**, os **protagonistas** e os **arquétipos** interpelados pelo discurso do jornal. Em outras palavras, interessa à autora compreender *quem* o jornal enfoca, *a quem, fazendo o quê e em que circunstâncias*. A partir destas categorias, o pesquisador não terá apenas um quadro dos atores sociais considerados relevantes pelo discurso do jornal, mas também poderá seguir pistas daqueles atores excluídos pelo discurso. A autora chama atenção para “la enorme carga significativa de lo considerado secundario, no significativo o in-significante, y hasta de lo excluído, para poder captar las dimensiones de realce que se pretende dar a lo incluído y valorado positivamente” (SARDÁ, 1998, p. 81).

Também preocupado em identificar que atores eram privilegiados pelos jornais da esquerda chilena, Sunkel identifica, nos textos, um *popular representado*, um *popular não representado* e um *popular reprimido* pelos discursos do jornal. O popular representado pelos jornais seria aquele considerado politizável: fundamentalmente, o operário e o camponês, nos espaços políticos de conflito contra o inimigo de classe. Já o *popular não representado* seria constituído por atores, espaços e conflitos não interpelados pelos partidos políticos de esquerda da época, como a mulher, o jovem, os sem-teto, os aposentados, inválidos e indigentes, cada um com suas reivindicações específicas e não exclusivamente econômicas. O popular não representado também incluiria o espaço das tradições culturais, das práticas simbólicas e dos sistemas de representação da realidade pelos setores populares. Por fim, a categoria do *popular reprimido* seria formada pelos setores “condenados” a subsistir nas margens do social, como as prostitutas, os homossexuais, os delinqüentes, alcoólatras e viciados em drogas. O espaço desse setor – as boates, os prostíbulos – não são “politizáveis” na visão do marxismo tradicional, e seus conflitos são contra a lei, as autoridades e os costumes.

Neste ponto, Sunkel utiliza o conceito de “coro” para caracterizar aqueles atores populares não representados pelo discurso da esquerda marxista nos *diários populares de massas*. Sua crítica reside na percepção de que o discurso marxista não foi capaz de interpelar novos atores, como os movimentos feministas, religiosos, indigenistas, de sem-teto, considerando conflitos que se dão não somente no âmbito da produção, mas também no campo da distribuição, do consumo e das práticas institucionais. Este discurso também não levaria em conta aspectos da vida cotidiana do trabalhador, como sua sexualidade, suas fantasias, seu tempo dedicado ócio, bem como os aspectos da vida cotidiana da burguesia.

A proposta de Sunkel é no sentido da articulação entre os populares, não localizados apenas nas suas reivindicações econômicas, mas também nas suas reivindicações políticas e culturais. É aí que reside sua proposta de “rebelión del coro”, reunindo o popular não representado e o popular reprimido, que pretende fazer visíveis e legitimar aqueles atores, espaços e conflitos esquecidos pelo discurso da esquerda.

(...) el concepto de coro tiende a revelar aquellos actores, espacios y conflictos que no tienen representación y, particularmente, representación política. (...) el coro se constituye como aquello que los discursos (políticos) tradicionales sobre lo popular (particularmente el marxismo) no consideraron como ‘politizable’ y que, por tanto, se engendraba al margen de la escena pública. (SUNKEL, 1985, p.40)

Como antídoto a esta limitação que parece intrínseca aos meios de comunicação populares e alternativos, Sunkel propõe que uma imprensa popular de caráter progressista deve assumir a articulação das matrizes culturais na cultura popular, quebrando esta oposição entre o massivo e o popular a partir da constatação de que o massivo constitui-se num outro modo de existência histórica do popular e também se constitui como espaço de luta política, “puesto que es este un terreno principal donde se constituyen las identidades de lo popular” (SUNKEL, 1985, p. 197).

Por fim, Mattelart dirá que este desafio não é apenas um desafios dos meios de comunicação de esquerda, se não da própria organização política. A incapacidade de assimilar valores e interpelar atores que não aqueles tradicionalmente conhecidos como os agentes da transformação explicariam a incapacidade de expansão hegemônica dos jornais de esquerda e, conseqüentemente, da própria esquerda:

no hay una teoría crítica de la comunicación sin una teoría de las clases sociales, sin una teoría del Estado, sin una teoría de las ideologías. Pero más aún: he llegado a la conclusión de que no habrá teoría crítica y práctica crítica de la comunicación, si no empezamos a ligar el problema de la comunicación con el problema de la teoría del partido, con la teoría de la organización de masas. (MATTELART, 1981, p. 84)

Como se vê, os principais textos que sustentam argumentação deste artigo já possuem uma idade avançada. Tal limitação se deve em parte à inexistência de uma crítica mais elaborada ao jornalismo praticado desde a esquerda e os movimentos sociais, a não ser

reflexões esporádicas realizadas pelos próprios “fazedores” da comunicação popular alternativa³.

Em palestra ministrada a sindicalistas, Paulo de Tarso Riccordi reforça a idéia de que o problema da imprensa alternativa – no caso específico, a sindical – diz respeito antes à organização dos trabalhadores. Uma pretensão de ser vanguarda e uma espécie de obscurantismo político dos sindicatos redundariam numa comunicação encerrada nos limites do sindicalismo, incapaz de dialogar com a população.

Ao contrário, os sindicatos têm-se permitido jogar-se contra a sociedade, por sua baixa capacidade de falar amplamente para além de seus associados, por inapetência de explicar à sociedade as razões que interligam os interesses gerais do povo com a luta sindical. (RICCORDI, 2001, p. 2)

É no Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC), onde Riccordi profere a palestra, que são formuladas algumas das reflexões sobre as limitações da imprensa sindical, que se centram fundamentalmente na defesa de que os veículos sindicais devam ter uma linguagem acessível aos trabalhadores⁴. No entanto, o louvável esforço parece assumir mais um caráter de orientação para boas práticas de comunicação sindical, em relação principalmente à linguagem acessível a ser utilizada.

É de se notar que o Fórum Mídia Livre, articulação de veículos de mídia alternativos no Brasil, que desde 2008 reúne diferentes comunicadores, movimentos sociais e entidades ligadas à comunicação, pouco se dedica à autocrítica quanto às suas práticas de jornalismo. De dez compromissos assumidos pelo “Manifesto da Mídia Livre” (2008), nenhum deles aborda aspectos relacionados à linguagem ou prática jornalística – todos dizem respeito à questões organizacionais e reivindicações por políticas públicas e apoio do Estado à comunicação alternativa.

3. Metodologia e análise das matérias

Diante desta tradição da esquerda de um modo geral encarar o jornalismo como ferramenta para revelar as denúncias políticas à população, e a partir das críticas feitas a esta tradição em relação às suas limitações em termos de expansão hegemônica por interpelar apenas aqueles cenários, atores e conflitos que fossem politizáveis, ignorando os demais aspectos da vida em sociedade, nossa pesquisa vem buscando identificar como um jornal da

³ Ressalve-se que vimos acompanhando o trabalho teórico do professor Eduardo Meditsch, que colabora com essa discussão ao lançar pistas do que seria uma “fisiologia normal do jornalismo” (2001), apontando que boa parte dos trabalhos acadêmicos se dedicam a apontar as patologias da atividade jornalística.

⁴ Vito Giannotti e Claudia Santiago, do NPC, são autores de livros como “Comunicação Sindical — Falando para milhões” (Editora Vozes, 1996).

imprensa popular organiza seu discurso e que olhar sustenta sobre a realidade brasileira e latino-americana.

Em outro trabalho⁵, analisando as reportagens publicadas na editoria de Brasil, verificamos que o *Brasil de Fato* priorizava em seus discursos aqueles atores sociais organizados em sindicatos e movimentos sociais, em processos de reivindicação em relação a governos ou em protestos contra a atuação de determinadas empresas. Na ocasião, dissemos que a “visão popular” prometida pelo jornal só era possível se este popular se tratasse de povo organizado.

Interessa-nos, neste momento em que o continente latino-americano vive um novo processo político com a eleição de presidentes progressistas em diversos países, verificar de que forma o mesmo jornal organiza seu discurso sobre a América Latina. Neste sentido, um exercício profícuo pode ser a comparação entre o *Brasil de Fato*, um jornal popular alternativo, e o *Estado de S. Paulo*, reconhecidamente um diário conservador. A comparação entre os noticiários das duas publicações sobre a América Latina pode nos ajudar a levantar hipóteses sobre o papel atualmente desempenhado pela imprensa popular alternativa.

O jornal *Brasil de Fato* é um representante da imprensa popular alternativa, dentro do que comumente poderia se chamar de “jornal de esquerda”. Sua promessa é levar “uma visão popular do Brasil e do mundo”, conforme está escrito em seu lema. Criado em 2003, é ligado a movimentos sociais reunidos na Consulta Popular, um movimento político que defende a constituição de um Projeto Popular para o Brasil.

Um dos mais tradicionais jornais do Brasil, o *Estado de S. Paulo* foi fundado em 1875. Trata-se de um jornal que pode ser chamado de conservador, na medida em que sua linha editorial se opõe, por exemplo, à do *Brasil de Fato*, e também por que o *Estado* é um dos poucos jornais brasileiros que costumam manifestar publicamente suas preferências em relação a candidatos de partidos conservadores.

Na primeira quinzena do mês de março de 2009, a página do jornal *Brasil de Fato* na internet publicou 14 notícias e reportagens envolvendo a América Latina na editoria de Internacional. Para efeitos de comparação, pinçamos as matérias mais representativas publicadas pelo jornal *Estado de São Paulo* em sua página na internet, na seção América Latina da editoria de Internacional. Na medida em que o *Estado* publicou um número extremamente mais elevado de matérias no mesmo período das publicações do *Brasil de Fato*, optamos por reduzir o tempo de análise – para a primeira semana de março – e eliminar

⁵ Um artigo foi apresentado no XIII Colóquio Internacional de Comunicação para o Desenvolvimento Regional (REGIOCOM), em Pelotas (RS), no ano de 2008, sob o título “Representações do popular do jornal *Brasil de Fato*”.

do *corpus* aquelas matérias que repetiam seus assuntos, optando por eleger sempre a reportagem mais importante sobre determinado tema. Desse modo, analisamos 19 reportagens ao todo publicadas pela página do *Estado de S. Paulo* na primeira semana de março de 2009. Os quadros montado para a análise se encontram em anexo.

Inspirada nas categorias trabalhadas por Guillermo Sunkel (1985) e Amparo Moreno Sardá (1998), nossa pesquisa analisou cinco elementos em cada matéria publicada: sua **origem** (redação, agências ou correspondentes), os **atores** (sobre quem se está falando), os **cenários** (em que espaço se desenvolve a história), os **conflitos** (que classe de disputa é retratada na matéria) e as **fontes** (quem dá declarações à reportagem). Embora muitas vezes os atores e as fontes se confundam, optamos por separar as categorias, na medida em que muitas vezes aquele que fala na matéria não é o mesmo ator sobre quem se está falando.

Todas as 19 matérias publicadas pelo *Estado* têm origem nas agências de notícias ou foram produzidas pela redação a partir das informações das agências, principalmente Reuters, Efe e Associated Press (AP). Já o *Brasil de Fato*, das 14 matérias no total, publica quatro de correspondentes e enviados especiais – o restante é reproduzido de agências e publicações alinhadas ideologicamente ao jornal, como são os casos do *Portal Vermelho*, de propriedade do Partido Comunista do Brasil (PCdoB), e da *Agência Bolivariana de Notícias*, do governo venezuelano. Ao priorizarem a publicação de materiais que chegam pela Internet, fica claro que ambas as publicações orientam o que vai ao ar a partir do que interessa ou não à sua visão de América Latina, uma vez que do universo de informações que circulam na rede se escolhe aquilo que vai ou não vai ser publicado.

Chama a atenção, porém, que apesar de optarem por origens distintas (o *Estado* publica somente matérias das grandes agências internacionais, enquanto o *Brasil de Fato* prioriza as informações vindas de agências alternativas e de marcado posicionamento ideológico), as matérias publicadas pelas duas páginas estão extremamente alinhadas quando se analisa os *atores*, *cenários* e *conflitos* envolvidos. Ou, melhor dizendo, abordam assuntos iguais, porém com “sinais” trocados.

O *Brasil de Fato* publica dez matérias em que os principais atores são presidentes dos países do continente ou mesmo os governos como um todo. Nestas reportagens, em oito ocasiões o cenário do conflito é no âmbito governamental, enquanto que as eleições presidenciais em El Salvador são pano de fundo de dois textos. Consequentemente, o conflito representado é quase sempre institucional: são disputas eleitorais ou enfrentamentos dos governos latino-americanos contra empresas e oposição.

No *Estado de S. Paulo*, todas as 19 notícias publicadas envolvem seja a ação de presidentes, governos e autoridades governamentais, seja a participação de candidatos a presidente em eleições. Cabe destacar aqui o protagonismo do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, que no período analisado promoveu enfrentamentos com empresas estrangeiras e governadores de oposição em seu país: ele aparece em quatro reportagens do *Brasil de Fato* e quatro do *Estado de S. Paulo*.

No entanto, como dissemos anteriormente, o *Estado* opera com o “sinal trocado” em relação ao *Brasil de Fato*. Nas matérias que abordam a atuação do governo da Venezuela e de seu presidente, enquanto o *Brasil de Fato* dá amplo espaço para que Chávez justifique suas ações (“Chávez determina a ocupação de portos”), o *Estado* dá voz à oposição (“Oposição venezuelana promete resistir às ocupações de Chávez”). As críticas aos governos de países como Cuba, Venezuela e Bolívia estão presentes nas matérias publicadas pelo *Estado* que, diferente do que faz o *Brasil de Fato*, abre espaço para atores capazes de articular uma crítica aos governos em questão (“Grupo de imprensa critica Chávez e aliados”).

Outro aspecto importante de ser mencionado é que cada jornal parece possuir seu “bloco” de países alinhados e não-alinhados. Enquanto Cuba, Venezuela e Bolívia recebem atenção especial do *Brasil de Fato* (que também festeja a vitória em El Salvador de Mauricio Funes, da Frente Farabundo Martí para a Libertação Nacional), para o *Estado de S. Paulo* interessa saber também o que se passa no México e na Colômbia, fundamentalmente. Aqui entra o tema do combate ao narcotráfico (“México manda mais 2 mil soldados a ação contra narcotráfico”) e do enfrentamento às Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (“Colômbia anuncia descoberta de plano das Farc contra ministro”), num conflito de tipo militar que não merece abordagem do *Brasil de Fato*.

4. Considerações Finais

A análise efetuada no item anterior, embora realizada em uma amostra de curto espaço de tempo das publicações, possibilita dizermos que as tendências apontadas acima se reproduzem ao longo de toda a cobertura diária das duas publicações.

O protagonismo exercido por presidentes do campo progressista eleitos nos últimos anos na América Latina explica, logicamente, porque eles mobilizam o noticiário das agências internacionais e dos veículos de informação alternativos. Hugo Chávez na Venezuela, Evo Morales na Bolívia, Rafael Correa no Equador e mais recentemente Fernando Lugo no Paraguai são atores importantes no cenário político do continente, por

serem presidentes originários dos setores sociais que se elegeram com propostas de oposição aos governos neoliberais instalados nas últimas duas décadas no continente.

Desse modo, é razoável aceitar que um jornal de prestígio como o *Estado de S. Paulo*, tradicional em sua cobertura jornalística diária, se ocupe da cobertura permanente das ações dos presidentes do campo progressista ou de esquerda, abrindo espaço para que seus opositores os critiquem, não deixando de mostrar ações de enfrentamento ao crime em países considerados alinhados aos Estados Unidos, como a Colômbia e México. Isto é, é de se esperar de um jornal de prestígio uma cobertura centrada na institucionalidade e nas ações governamentais dos países vizinhos. No entanto, para um veículo alternativo, a cobertura também não poderia ser alternativa?

A imprensa popular alternativa, que em outros tempos foi porta-voz dos anseios de movimentos sociais e populares do continente, ao priorizar apenas estes atores eminentemente políticos ignora os diferentes aspectos que compõem a realidade latino-americana e reduzem o continente à figura e às ações de seus presidentes. Pouco se fala da realidade das populações de seus países, seus maiores problemas e dificuldades, suas expressões no campo simbólico.

Ao deparar-se com um novo cenário político vivido nos países da América Latina, a imprensa popular alternativa, no caso brasileiro, se volta para o âmbito da institucionalidade a fim de acompanhar as ações que vêm sendo implementadas por atores políticos que ganham espaço privilegiado nestes jornais: os presidentes, retratados de forma a personificarem muitas vezes o governo e o próprio país. Neste sentido, a diferença que o *Brasil de Fato* mantém em relação ao *Estado de S. Paulo* é apenas de “sinal”: enquanto um jornal organiza a crítica a governos como o da Venezuela, o jornal popular engaja-se em sua defesa.

Sunkel (1985), ao analisar os jornais populares do Chile, afirmou que sua incapacidade de expansão hegemônica estava ligada à dificuldade de dialogar com setores populares não politizados, em cenários e conflitos não politizáveis. Em comentário à obra de Sunkel, Márcia Franz Amaral (2003) concorda que este modo de pensar o popular desde a imprensa de tradição marxista fez com que os movimentos contra-hegemônicos fracassassem no intento de criar uma imprensa que se comunicasse com os setores populares, deixando um vazio que foi ocupado pela imprensa comercial, através dos jornais comumente denominados como “sensacionalistas”.

A cultura política de esquerda sempre foi a de considerar as matrizes populares como aquelas que deveriam ser substituídas. A realidade

heterogênea do mundo do popular é reduzida à classe trabalhadora. O desprezo pelo cotidiano das classes populares por parte das organizações de esquerda passa pela idéia de que os gostos das classes populares são moldados pelos meios massivos, o lazer não é mais do que escapismo e a religiosidade é alienação. A cotidianidade que não está inscrita diretamente na estrutura produtiva é considerada irrelevante e despolitizada. (AMARAL, 2003, p. 140)

Uma conclusão possível desta reflexão é de que a imprensa popular alternativa tem dificuldades de encontrar seu lugar. Ao mesmo tempo em que procura se distanciar dos temas de significação popular considerados alienantes, deixando um vácuo ocupado por jornais empresariais, os veículos alternativos acabam por reproduzir alguns vícios da imprensa tradicional. No caso da cobertura sobre a América Latina, este detalhe fica evidente.

Como já dissemos, este tipo de percepção aparece de forma pontual e episódica na reflexão dos próprios militantes do jornalismo popular alternativo, embora não faça parte de uma crítica teórica mais aprofundada. Em entrevista ao site do Núcleo Piratininga de Comunicação (NPC), o jornalista Gustavo Codas (2005), então assessor de relações internacionais da Central Única dos Trabalhadores (CUT), fala particularmente da imprensa sindical e a critica no sentido da sua abordagem restrita aos temas específicos das categorias. Em relação à cobertura internacional dos jornais da imprensa sindical, a crítica de Codas reforça as constatações do presente artigo, na medida em que o jornalista sustenta que os veículos da imprensa sindical acabam se servindo da cobertura da grande imprensa na cobertura internacional.

Eu acho que a imprensa sindical poderia suprir uma falta de informação hoje existente que se deve basicamente que as fontes que a gente tem são exclusivamente, ou quase exclusivamente, da imprensa burguesa. Eu entendo que nós temos hoje por intermédio da internet condições, com muito baixo custo, de uma divulgação mais intensa no Brasil de informações sobre lutas que estão ocorrendo em outros países, lutas sindicais, lutas populares (...). (CODAS, 2005, sem página)

Neste sentido, é interessante notarmos que as poucas reportagens do jornal *Brasil de Fato* que fogem da cobertura presidencial foram produzidas, na maior parte, por repórteres do próprio jornal enviados aos países em questão. Tal fato nos permite supor que as dificuldades operacionais, de fato, comprometem uma cobertura de América Latina mais complexa e diversificada. No entanto, a publicação de notícias provenientes de agências e outras publicações é resultado de uma escolha. Dessa forma, o jornal faz uma espécie de opção pela cobertura do aspecto institucional dos países vizinhos, centrado muitas vezes na personalidade de presidentes, o que resulta numa leitura parcial da realidade latino-

americana, ao serem ignorados diversos aspectos que compõem a vida da população do continente naqueles espaços que não sejam fundamentalmente políticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Márcia Franz (2003). **Sensacionalismo: inoperância explicativa**. In: Em Questão, Porto Alegre, v. 9 , n. 1, p. 133-146, jan./jun. 2003.

CODAS, Gustavo (2005). **Entrevista ao Boletim NPC**. Número 80, dezembro de 2005. Disponível em < <http://www.piratininga.org.br/artigos/80-codas.html>>. Acesso em março de 2009.

FESTA, Regina (1986). **Movimentos Sociais, Comunicação Popular e Alternativa**. In: FESTA, Regina & LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (orgs). Comunicação Popular e Alternativa no Brasil. Paulinas: São Paulo, 1986.

LÊNIN, Vladimir (1901). **Por onde começar?** Disponível em <http://rapidshare.com/files/156320943/Por_onde_come_ar_em_portugues.pdf> Acesso em Fevereiro de 2009.

_____ (1902). **Que fazer?** As questões palpitantes do nosso movimento. Disponível em <<http://www.pco.org.br/biblioteca/partido/quefazer.pdf>> Acesso em Fevereiro de 2009.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo (1981). **Jornalismo Popular no Rio Grande do Norte**. In: Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo. IMS, 6:61-71, set, 1981.

MATTELART, Armand (1981). **Comunicación y Nueva Hegemonía**. Celadec: Lima, 1981.

MEDITSCH, Eduardo (2001). **Gêneros de discurso, conhecimento, intersubjetividade, argumentação: ferramentas para uma aproximação à fisiologia normal do jornalismo**. Comunicação apresentada ao Grupo de Estudos em Jornalismo no X Congresso da Compós, Brasília, 2001. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/~bocc/pag/meditsch-eduardo-generos-de-discurso.pdf>>. Acesso em abril de 2008.

RICCORDI, Paulo de Tarso (2001). **Comunicar com a categoria ou com a sociedade?** 7º Curso do Núcleo Piratininga de Comunicação, Rio de Janeiro, 22 a 25 de Novembro de 2001. Documento eletrônico.

SARDÁ, Amparo Moreno (1998). **La Mirada Informativa**. Bosch Casa Editorial: Barcelona, 1998.

SUNKEL, Guillermo (1985). **Razon y Pasion en la Prensa Popular**. Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales: Santiago, 1985.

TAUFIC, Camilo (1977). **Periodismo y Lucha de Clases: la información como forma del poder político**. Editorial Nueva Imagem: Cidade do México, 1977.

TROTSKY, Leon (1979). **O jornal e o seu leitor**. In: Questões do Modo de Vida. Editora Antídoto: Lisboa, 1979. Disponível em <http://www.pstu.org.br/cont/textosseminario/trotsky_ojornaleseuleitor.doc>. Acesso em Fevereiro de 2009.

DOCUMENTO

FÓRUM MÍDIA LIVRE. **Manifesto da Mídia Livre**. Outubro de 2008. Disponível em <<http://forumdemidialivre.blogspot.com/2008/10/manifesto-da-mdia-livre.html>>. Acesso em maio de 2009.

ANEXOS

NOTÍCIAS PUBLICADAS PELO BRASIL DE FATO

Período analisado: primeira quinzena de março/09

Número de matérias: 14

Título	Origem	Atores	Cenários	Conflitos	Fontes
Vitória de Funes rompe com 20 anos de conservadorismo	Redação, com agências	Presidente eleito	Eleição presidencial	Institucional (eleições)	Candidatos a presidente
Chávez determina a ocupação de portos	Portal Vermelho	Presidente e oposição	Governo	Institucional (Chávez x opositores)	Hugo Chávez, presidente da Venezuela
Marcha pede condenação do ex-presidente Fujimori	Agência Bolivariana de Notícias	Manifestantes de movimentos sociais; ex-presidente	Político, Movimento Social	Institucional (manifestantes x ex-presidente)	Familiares de vítimas da matança de La Cantuta
Esquerda em El Salvador: entre dólares e os colones, a antiga moeda nacional	Enviado especial	Candidato a presidente	Eleição presidencial	Institucional (eleições)	-----
O socialismo, em Cuba, é irrevogável	Enviado especial	População civil	Cotidiano/econômico	Sistema político-econômico (Cuba x EUA)	Moradores de Cuba
Diversidade em igualdade de condições: uma Constituição do século 21	Enviado especial	Vice-presidente	Governo	Institucional/Sistema político-econômico	Álvaro Garcia Linera, vice-presidente da Bolívia
EUA amenizam restrições a Cuba	Redação, com Portal Vermelho	Migrantes	Governo	Institucional; Cuba x EUA	Phil Peters, especialista, e Timothy Geithner, secretário do Tesouro dos EUA
Lugo defende “rosto humano” ao Mercosul	Correspondente no país	Presidente	Governo	Institucional (relações internacionais)	Frei Beto; Juan Gatinoni, diretor da CLAI; Fernando

					Lugo, presidente do Paraguai
Em Guadalupe, cai o verniz das aparências	Pambazuka News	Trabalhadores; Movimento social	Cotidiano/econômico	Econômico	Maryse Conde; jornalista Luigi Trevo
Globovisión e RCTV perdem caso contra governo da Venezuela	Adital	Governo venezuelano e emissoras de TV	Governo	Institucional	Comunicados do governo da Venezuela e da Globovisión
Chávez ordena a expropriação da empresa Cargill	Redação, com TeleSur e ABN	Presidente venezuelano e empresas	Governo	Institucional (governo x empresas)	Hugo Chávez, presidente da Venezuela
Comissão permanente da ALBA tratará de iniciativas conjuntas	Adital	Governos latino-americanos	Governo	Institucional (relações internacionais)	-----
Chávez ordena ocupação de fábricas de arroz	Redação, com ABN e agências	Presidente venezuelano e empresas	Governo	Institucional (governo x empresas)	Autoridades governamentais
Conselho de Estado reestrutura governo	Portal Vermelho	Governo, autoridades governamentais	Governo	Institucional/sistema político econômico	Comunicado do governo cubano

NOTÍCIAS PUBLICADAS PELO ESTADO DE S. PAULO

Período analisado: primeira semana de março/09

Número de matérias: 19

Título	Origem	Atores	Cenários	Conflitos	Fontes
Treze rebeldes morrem em ofensiva contra chefe das Farc	Reuters	FARC, governo	Governo	Militar; exército x guerrilha	General Javier Flórez
Grupo de imprensa crítica Chávez e aliados	Reuters	Hugo Chávez, Cuba, meios de comunicação.	Governos, imprensa.	Institucional	Dirigentes da SIP
Oposição argentina tenta barrar antecipação de eleições	Redação com agências	Deputados, oposição, governo	Eleições legislativas	Institucional ; governo x oposição	Ex-presidente Raúl Alfonsín
Oposição venezuelana promete resistir às ocupações de Chávez	Efe	Oposição, governo	Político, governo	Institucional	Hugo Chávez e governadores
Chávez ameaça prender governador que não entregar porto	Agências internacionais	Chávez, oposição	Político, governo	Institucional	Hugo Chávez; Henrique Capriles, governador de Miranda
Ex-guerrilha vence eleições presidenciais em El Salvador	AP/BBC	Candidato a presidente	Eleições presidenciais	Institucional ; eleitoral	Candidatos a presidente
Morales repassa terras e diz que é o 'começo do fim do latifúndio'	BBC	Presidente,	Governo	Institucional ; governo x fazendeiros	Evo Morales, presidente da Bolívia

Aspirante à presidência chilena, Pinera mostra plano contra crise	REUTERS	Candidato a presidente	Eleições	Institucional , eleições	Candidato presidencial Sebastian Pinera
México manda mais 2 mil soldados a ação contra narcotráfico	AP	Governo, narcotráfico	Governo	Militar	-----
Presidente do Equador seria reeleito no 1o turno, diz pesquisa	REUTERS	Rafael Correa, presidente	Eleições presidenciais	Institucional , eleições	Carlos Andrés Córdoba, representante do Cedatos-Gallup
Colômbia anuncia descoberta de plano das Farc contra ministro	Efe	Militares, narcotráfico	Governo	Militar	diretor da Polícia Nacional
Ossadas achadas podem ser de desaparecidos da ditadura argentina	REUTERS	Desaparecidos políticos	Ditadura militar	Institucional ; histórico	Ministro de Neuquén, César Pérez
Fidel reforça figura de Raúl Castro como único líder de Cuba	Efe	Cuba, Fidel Castro	Cuba	Institucional ; sistema político	Sociólogo argentino Atilio Borón
Simón Bolívar vai virar boneco para enfrentar o Superman	Agência Estado e Associated Press	Hugo Chávez, simpatizantes	Político, governo	Sistema político-econômico	Hugo Chávez; Joyce Parra e seu pai, Angel,
Conselho Sul-Americano expõe divisões regionais	AE	Nações sul-americanas, presidentes	Político, governos	Relações Internacionais	Ministros da Defesa de países da AL
Produtores argentinos mantêm luta contra imposto sobre a soja	REUTERS	Produtores rurais, presidente	Político, governo	Institucional ; governo x oposição	Lideranças agrárias da Argentina
Governo venezuelano expropria fazenda de empresário	BBC Brasil	Autoridades governamentais e fazendeiro	Político, governo	Institucional ; governo x fazendeiro	Presidente do Instituto Nacional de Terras (Inti), Juan Carlos Loyo
Evo pedirá à ONU descriminalização do uso da folha de coca	Efe	Presidente	Político, governo	Relações internacionais, tráfico	Evo Morales
Bolívia expulsa diplomata dos EUA por 'conspiração'	Agências internacionais	Presidente, diplomatas	Político, governo	Institucional ; relações internacionais, Bolívia x EUA	Evo Morales; Departamento de Estado americano